

Herbert Caro nas lembranças de amigos e conhecidos

This text offers statements of former colleagues and friends of Herbert Caro.

Keywords: Herbert Caro; statements;

Herbert Caro circulou entre vários ambientes, manteve amizades antigas, ainda dos tempos em que era cidadão alemão. Tendo vivido em Berlim e no Brasil, criou novos laços de amizades, preservando sua origem germânica. É lembrado por muitos das formas mais variadas, tais como: a permanência do seu caráter alemão, a flexibilidade em incorporar novos valores, sua erudição e sua verve de desportista (mantendo-se por toda vida torcedor fanático de um time de futebol berlinense). Em Porto Alegre, tornou-se um torcedor fanático do *Sport Clube Internacional*, assistindo a todos os jogos. Era reservado, discreto e sociável, sempre disposto a iniciar um diálogo de forma simples, porém erudita. Livros, música e arte guiaram as atividades que desempenhou ao longo de sua vida.

Conhecidos e membros de famílias amigas ainda dos tempos da Alemanha, colegas do *Instituto Goethe* demonstraram satisfação ao relembrar a pessoa de Herbert Caro. Abaixo, excertos de depoimentos de Marlene Haas Aber, Gertrude Meyer e Birgit Braaz com momentos da vida deste erudito que durante décadas tornou-se conhecido internacionalmente por suas traduções:

A bibliotecária Marlene Haas Aber, que substituiu Herbert Caro na Biblioteca do Instituto Goethe, de Porto Alegre, relembrou os seguintes episódios:

Nos primeiros anos lá na biblioteca eu me lembro perfeitamente dos usuários, até os usuários que vieram depois e que nem conheceram o Dr. Caro e nem chegaram a ter muito contato com ele. Eles elogiavam muito o acervo da biblioteca, diziam – Bah! Comparada com outras por aí, a de vocês tem um nível muito bom...muito bom! – e isso, graças ao Dr. Caro. Foi ele quem fez essa seleção toda. Ele ia anualmente para a Alemanha, visitava as editoras, se informava de lançamentos, sobre lançamentos de livros e, na parte, principalmente na parte literária, assim, o básico da alta literatura alemã, ele colocou nessa biblioteca. Nós sempre tivemos assim... Uma escolha meio, meio rígida só de um certo nível para cima de literatura e isso começou com ele. Ele fazia isso, sem... Sem que naquela época houvesse esse tipo de orientação. Eu acho que ele foi um dos primeiros, inclusive. Numa época em que outras bibliotecas utilizaram-se de uma classificação européia, que aqui nem era conhecida, ele introduziu o Dewey nessa biblioteca. Não sei se foi a primeira, mas foi uma das primeiras a utilizar uma classificação mais moderna...mais interessante, mais conhecida aqui na América. (...).

Quando a pessoa vinha ele falava – Olha, tem esse livro que eu sei que você vai gostar – ele procurava, ele conhecia bem os usuários. Uma parte do público era a colônia alemã-judaica. E também alemães, descendentes de alemães que moravam aqui, não judeus também. Eu acho que ele recomendava bem mais para essas pessoas de mais idade que sabiam... Que gostavam de ler, que valorizavam a literatura, os jovens, sabe como é... Os jovens também não dominavam tanto o alemão, sabiam alguma coisa em Português (...).

Nós trabalhamos só alguns meses juntos, e eu entrei no lugar dele por exigência do Conselho Regional de Biblioteconomia. Eles estavam exigindo um bibliotecário formado. E como ele já dava palestras também, ele disse “Bom, eu não vou ficar parado, eu vou continuar dando palestras”. Ele, além de administrar a biblioteca, dava palestras sobre arte lá no *Instituto Goethe* mesmo e continuou aqui depois algum tempo ainda, nessa nova sede. Então, a gente continuava tendo contato. Na biblioteca eu notei isso, ele gostava, conhecia os livros, tinha idéia do que tinha em cada livro. Então, gostava de recomendar para alguma pessoa – “Ah, eu gostaria de um livro assim ou assado...” – “Ah, a gente tem isso ou aquilo... Ou esse autor ou aquele”. Então, ele apresentava e a pessoa podia escolher entre esse e aquele. Eu levei pelo menos uns dois anos para conhecer um pouco do acervo da biblioteca. E ele criou este acervo, ele foi comprando os livros, escolhendo. (...)

Eu não sei até quando ele trabalhou na *Livraria Americana*, mas acredito que foi logo depois que ele passou para o *Goethe*. Eu me lembro que uma vez ele contou, que logo que veio para o Brasil, trabalhou como vendedor... Como representante, ia para o interior... Oferecer materiais, eu não sei que materiais eram. Ele disse que nunca passou tanto frio na vida dele como naquela ocasião aqui no interior, eu acho que foi em Rio Grande, que teve que esperar na estação férrea e era tudo aberto e aquele vento frio, aquele minuano, até que aparecesse o trem. É que na Europa tem aquecimento, tem os lugares abertos...e aqui não. Então aquela época ele não gostava de lembrar, os primeiros anos. (...)

Depois a *Livraria Americana*, ele lembrava com muito gosto. Porque foi aí que ele aprendeu a aconselhar o pessoal. O pessoal vinha, queria livros, às vezes não sabia – “Aquele era um romance bom?” – daí ele gostava e dizia – “Bom, esse aqui é assim, esse aqui é assado...”. Ele tinha esse gosto também de orientar o pessoal. Ele gostava de ler, então se informava, conhecia os autores... E podia... Podia orientar (...) o time dele era o Hertha Zehllendorf, um time pequeno, segunda ou terceira divisão. Eu tinha dificuldades de achar informações nos jornais, porque um time tão pequeno não ia aparecer nos jornais daqui... De um bairro de Berlim da segunda ou terceira divisão.

Documento manuscrito de dona Gertrude Meyer

Na exposição do *Instituto Goethe* consta tudo que abarca sua vida, tanto na Alemanha, como no Brasil. De maneira que não será necessário acrescentar outros fatos aos já mencionados e expostos. Eu calculo que o *Instituto Marc Chagall* recebeu os documentos do espólio do Herbert Caro das mãos de Ernest Leiser, seu grande amigo. Fiquei muito contente que a figura do Herbert Caro recebeu esta digna celebração como merece um tal homem que viveu tantos anos no nosso país. A exposição no *Goethe* elucida totalmente o que ele significa para os dois

países, aquele onde nasceu e o outro onde viveu a maior parte da vida. Eu somente vou falar sobre a amizade que me ligou a ele desde os anos que ele, com a Nina, e eu, com meu marido, convivemos. Eles chegaram em 1935, quando ele deve ter conhecido o Rodolfo, que chegou em dezembro de 1934. Eu vim em junho de 1936 e fui quase diretamente para o interior depois de casar, enquanto os Caro ficaram em Porto Alegre.

Como nós ficamos quase sete anos no interior e as minhas visitas nesses anos foram poucas, a amizade com Herbert Caro e Nina Caro começou somente em 1942. Entretanto, já sabia, em Berlim, que Herbert viria também para o Brasil, porque as nossas famílias se conheciam e os meus sogros trouxeram algumas coisas para cá, que a mãe da Nina mandou para eles.

Os pais do Herbert moravam no centro de Berlim, enquanto nós vivíamos num dos subúrbios. O que eu sabia e era natural para os habitantes da capital alemã, era que esta camada de judeus assimilados não eram religiosos, mas mais interessados nos assuntos do espírito. Os Caro – Herbert era o único filho – pertenciam aos judeus que provavelmente já tinham vivido cento e cinquenta anos ou mais na Alemanha e se consideravam alemães completamente. Como na minha casa paterna decerto ninguém negava ser judeu, na casa paterna do Herbert regia a mesma mentalidade. O pai do Herbert era advogado de muitos atores, na minha casa tínhamos amigos e conhecidos de todos os credos e ninguém fazia questão de dar-se só com judeus. Até o fim dos anos 20 pessoa alguma podia imaginar de não ser alemã e somente a aparição diabólica do Hitler podia destruir a nossa vida. Eu falo sobre estes fatos, porque os Caro e os Milchs pertenciam à mesma camada e tinham a mesma idéia da vida na Alemanha. Isto ajudou naturalmente para uma relação aqui no Brasil, nós falávamos realmente a mesma língua e tínhamos os mesmos interesses que nós compartilhamos em Berlim. Herbert era mais – além do esporte – de teatro, livros e conferências, eu era quase só da música, se bem que as artes teatrais, balé e tudo quanto se ligava ao intelecto, livros principalmente, eram minha vida. A mãe do Herbert tinha uma linda voz de contralto e mais adiante foi minha professora em Porto Alegre. Em Berlim ela não provocou o interesse em Herbert por concertos ou óperas, isto ficou reservado muito mais tarde para Porto Alegre.

Agora vou me referir a alguns fatos que me ligaram ao Herbert para o resto das nossas vidas. Claro que a biblioteca dele foi um tesouro inesgotável, já que sem livros na minha mesinha de cabeceira eu não vivia, os livros de arte eram outra fonte de delícia e ele me emprestava tudo com a maior generosidade. Quando eu comecei a trabalhar na OSPA, consegui fazê-lo ter mais interesse por música, ele até se meteu a escrever críticas de concertos, se bem que com menos sucesso, porque chegou tarde a vida da música. Mas como realmente teve de admirar a obra do Pablo Kolmos, ele finalmente soube se aquecer por “minha” arte. Eu tinha todo tipo de trabalho na OSPA, entre eles, redigir os programas para os concertos. E aí o Herbert foi meu “professor”, ajudando-me muito, porque eu tinha que traduzir textos do alemão, inglês, francês para serem incluídos nos programas. Quantas manhãs eu passei na sala dele a corrigir e embelezar meus textos que depois apareceriam nos programas! [...].

Dos amigos que foram, ele me faz falta, devo dizer, até hoje, porque é raro duas pessoas falarem a mesma língua e terem os mesmos interesses sem a mínima dificuldade.

E, finalmente, Birgit Braaz, professora do Instituto Goethe, embora lembrando mais de dona Nina Caro, teceu as seguintes considerações:

O Dr. Herbert Caro naquela época estava trabalhando ou, melhor dizendo, dirigindo a nossa biblioteca. Ele era, como todo mundo sabe, uma pessoa muito conhecida em Porto Alegre. Foi sempre um amante dos livros e ele era algo como um centro cultural do próprio *Instituto Cultural Brasileiro-Alemão*. Eu me lembro muito bem dele, da maneira de ser, era muito acessível, o que não é muito comum numa pessoa com tanta sabedoria... e falava com qualquer um que entrasse na biblioteca e quisesse saber alguma coisa. Então, ele sempre foi uma fonte de informações sobre qualquer coisa, gente procurando um texto ou alguma informação sobre um escritor, ele sempre tinha tudo. Mas depois desistiu deste trabalho, porque estava mais empenhado em fazer traduções e assim a figura dele também se afastou um pouco fisicamente do *Goethe*. Não que a gente não tivesse mais o encontrado (...).

E um parênteses só, eu vivo recomendando aos meus alunos, quando há uma obra do Thomas Mann traduzida para o português escolham Herbert Caro. Porque esse foi um dos momentos que mais me lembrou dos dois, de ambos, e da atividade de tradutora dele que, eu soube por ela, pois ele nunca falava sobre isso, especialmente comigo, mas ele... é que Thomas Mann realmente é difícil de ler, até para o alemão, e ele, o Dr. Caro ele dominava a língua alemã como poucos aqui dominam, se é que a gente pode dizer isto. Mas eu sei, por ela, que às vezes, ele lutava por um único adjetivo, durante uns quinze a vinte minutos ele caminhava para lá para cá, ela mesma me contou isso, até achar aquilo exatamente que o satisfazia também. Então, esta consciência da sua atividade, da responsabilidade que ele tinha como tradutor era algo muito, muito grande. E não podemos esquecer que ele não foi um tradutor formado para traduzir. Ele foi um tradutor provavelmente nato, pela grande cultura que possui e pelo respeito por todas as línguas que ele falava, esta é uma coisa que me impressionou demais.

Notas:

Depoimento concedido por Marlene Haas Aber a Ieda Gutfreind, pelo Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, em 20 de novembro de 2006. Transcrição Eduardo Chaves.

Documento manuscrito de dona Gertrude Meyer, entregue ao Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, quando do seu depoimento sobre Herbert Caro, em 10 de novembro de 2006

Depoimento concedido por Birgit Braaz a Ieda Gutfreind, pelo Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, em 02 de novembro de 2006. Transcrição Silvana Sarmatz.